

UMA APOSTA¹

Tomás Lopes

— Como o luar é branco!

— E triste!

— É a alma do silêncio.

(COELHO NETO – JARDIM DAS OLIVEIRAS)

A Rodolfo Teófilo



[53]² Numa taverna da Rua das Flores, longa, monótona, igual, indo desde o Largo da Sé até o cemitério de S. João Batista, quatro rapazes conversavam e bebiam. Era noite, uma esplêndida noite de janeiro, toda dourada de luar. Passava já das onze horas, e a pacata cidade de Fortaleza dormia, com todas as portas cerradas, com todas as ruas desertas, numa paz e silêncio de bem-aventurança. Uma brisa do sul, carinhosa e ainda quase um sopro, parecia correr entre o luar e a terra como asas invisíveis e silenciosas. Era um sorriso do inverno, esse mágico do Ceará, que às vezes se diverte em se mostrar através das nuvens, como [54] um lindo rosto através de um espelho, sem nunca chegar à realidade.

¹ LOPES, Tomás. Uma aposta. In: __. O cisne branco. Rio de Janeiro: Porto, 1913. p. 53-63.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Na taverna, os quatro noctâmbulos conversavam, bebendo e fumando. O primeiro cansaço começava a pesar sobre a palestra, que, depois de ter andado às tontas na cabra-cega da política, certa e firme no assunto das escabrosidades obscenas e galantes, agora se arrastava por monossílabos e frases soltas, enfeitadas de bocejos.

Eram quatro moços de família que queriam fazer a boêmia romântica de Álvares de Azevedo, já que não podiam reeditar numa capital de província as estouvadas pândegas de Paris e do Rio. Dois deles empregados no comércio, os outros dois empregados públicos, bocejavam durante o dia nos escritórios e repartições, e à noite se reuniam em torno de uma mesa, comentando um livro, exumando saudades, refluindo esperanças. Era aquele por certo o momento mais feliz do sonolento dia; ali, ao menos, na estreiteza da taverna, eles ingenuamente julgavam que havia mais espaço para as asas da fantasia. Em torno da mesma mesa encontravam-se todas as noites, com o método com que iam aos empregos, com que domingo de manhã assistiam à missa do Coração de Jesus, tomavam à tarde o bonde do Benfica e ouviam música às sete horas no Passeio Público. Da Avenida Caio Prado, longa e clara [55] como uma faixa de luz, contemplavam as senhoras e as moças que passavam, e através da distância escura dos três planos do jardim, viam as luzernas dos navios ancorados, ouviam o incessante rugido do mar tenebroso. Mas tudo cansa, até o infinito do mar, até o infinito do céu; só não cansam as esperanças: o octogenário moribundo espera na hora da morte o descanso final ou a imortalidade. E só na taverna as esperanças dos quatro amigos revoavam livremente à procura dos castelos da fantasia. Com esse desejo imoderado e fecundo de todo cearense de subir, de espriar-se, de fazer uma pátria nova em qualquer canto da terra, eles

esperavam impacientemente a brisa que os levasse ao Rio de Janeiro ou o tufão que os impelisse para o Amazonas. Enquanto esperavam, faziam quimeras; e, sôfregos por “*algo nuevo*”, estendiam os braços para frente — para o sonho e para a glória, como as fileiras da vanguarda de um exército conquistador.

A influência do meio sobre o indivíduo é tal que numa taverna até os versos líricos têm o ar relaxado de marafonas. Numa sala elegante, enriquecida de quadros e objetos de arte, com biombos de laca formando recantos discretos e felpudos tapetes onde cessa todo o rumor de passos, e a luz láctea de uma lâmpada Carcel, e homens com casaca e senhoras com decotes, e perfumes de flores, de essências, de carne de [56] Eva, moça e macia, até dos mais feios dramas sanguinários fala-se com graça. Parece impossível que as manchas de sangue venham salpicar os Gobellins e os d’Aubusson; a morte não tem licença de passar entre os reposteiros onde, de casaca, vela o escudeiro, à moda de Cérbero. O inverso ainda é mais expressivo.

Num dos bocejos, um dos quatro de repente exclamou:

“*Si si je vous le disais pourtant que je vous aime,
Qui sait, brune aux yeux bleus, ce que vous en diriez...*”

Como eram dolorosos os lindos versos de Musset saindo entre baforadas de fumo, trepando pelo balcão de madeira ensebada, subindo pelas pipas de aguardente e as garrafas de cerveja! E, entretanto, Musset foi um desregrado — o que melhor prova a impersonalidade imponderável da obra de arte concluída.

A taverna era uma salinha comum, com as paredes outrora pintadas à cal e depois enegrecidas pela poeira acumulada e pelas teias de aranha nos espaços que as prateleiras deixavam livres. Uma porta deitava para a rua; das duas bandas abertas pendiam réstias de cebola e, como sentinelas grotescas, duas barricas se olhavam, uma cheia de milho, a outra, de bacalhau. Aos cantos das paredes subiam as vassouras espetadas, reprodução exata [57] dos *cavallos alados* em que as feiticeiras da lenda alemã galopam para o sabá. Pelas prateleiras, espreitavam as garrafas de vinho falsificado, as latas de biscoito, de doce, de conserva, de compota, cheias de rótulos e de veneno. De cordas atravessadas como para estender roupa, dependuravam-se gordas postas de carne do Rio Grande e nacos reluzentes de toicinho. Ocupando um espaço de um metro de altura entre a base das prateleiras e o solo, corria ao longo de toda uma parede uma armação de madeira envernizada e forrada de zinco, deixando ver depósitos de açúcar de todas as qualidades, a contar da segunda, colocado em compartimentos. No balcão, havia apenas uma pipa de aguardente e papel amarelo de embrulho; e no braço de gás com dois bicos sem manga silvando na noite, incrustava-se toda uma colônia de moscas sonolentas e negras. Respirava-se esse ar indescritível de taverna, misto de alho e de azedo, de banha e de vinagre, de açúcar, de alho e de cebola.

“L’amour, vous le savez, cause une peine extrême...”

— Só na Europa vale a pena escrever! — exclamou um deles.

— Eu ainda vou mais longe — respondeu outro. — Só na Europa vale a pena viver!

Um terceiro estirou os braços com volúpia:

[58] — Qual! No Rio de Janeiro já é outra coisa. Ali já se vive.

— Com dinheiro — acrescentou o quarto.

— Em Paris também só se vive com dinheiro.

— Qual! Há vida para todas as bolsas.

— Ó, Jurebeba, traga mais uma garrafa de peçonha.

— De quê? — perguntou o taverneiro, vindo do interior do estabelecimento, em mangas de camisa e com um cigarro amarelo no canto da boca. — De quê?

— De cerveja! — atalhou outro, morto de sede.

Veio a peçonha, a cerveja. E como a despesa nesse dia era grande e a vez de pagar tocava ao que só na Europa poderia escrever, ao Valente, o Valente resmungou com sono:

— Eu era capaz de ir agora sozinho ao cemitério, só para não pagar a despesa. É que estou na disga.

O que achava o Rio já suportável, um rapaz alto chamado Albano, duvidou rindo.

— Quem, tu? Ao cemitério? A esta hora! Sozinho? Pois sim!

Os outros dois também se interessaram: o Pereira pagava mais uma garrafa de cerveja, e o Xavier ainda foi mais generoso, pois quis apostar vinte mil réis contra cinco em como o outro não ia.

[59] — Vou!

— Não vai!

— Vou!

— Não vai!

— Não vai!

— Vou!

O Jurebeba interveio:

— Vocês parecem sapo na lagoa: “Vou, não vai! Vou, não vai!” Pois se o seu Xavier peita, deixa comigo os vinte fachos. E a cerveja corre por minha conta se o seu Valente não desmentir o nome.

Se o Jurebeba não tivesse intervindo, talvez que o Valente desse o dito por não dito e se abstivesse da insensata empresa; mas o “burguês” deu a sua opinião e o outro se viu desonrado se não mantivesse a aposta. De um salto, levantou-se e, dando um murro na mesa, exclamou:

— Está feito! Eu caso os cinco mil réis! Ó, Xavier, salta pra cá os vinte! Tratava-se de dinheiro; o taverneiro acudiu solícito:

— Não, vamos botar os pontos nos is! O que é que você afinal aposta? Valente entusiasmou-se:

— Aposto que vou ao cemitério e me deito em cima de uma sepultura, recitando Baudelaire:

[60] *“Une nuit que j’étais près d’une affreuse Juive,
Comme au long d’un cadavre un cadavre étendu,
Je me pris à songer...”*

— Nada de exageros! — interrompeu o Xavier.

— Acabou a reza? — indagou o Jurebeba.

O Albano e o Pereira riam, duvidando da aposta. O Valente zangou-se:

— Mas com mil diabos! O que é que vocês afinal querem que eu faça? Xavier, que defendia os seus vinte mil réis, explicou:

— Não queremos que vás ao cemitério. Isso é tolice, e o portão está fechado. Aqui na Sé deixaram hoje um defunto para ser enterrado amanhã. O caixão está no meio da nave, sobre dois bancos; a porta está aberta. Nós queremos que tu entres na igreja e pregues um prego no caixão; damos-te o prego e o martelo. Temos muita confiança em ti, mas tu podes ter a intenção de ir, no meio do caminho o medo apertar... Podes dizer que foste e vinte mil réis são vinte mil réis...

Tão preocupado estava o Valente que nem percebeu que o outro punha em dúvida a sua honestidade. Houve um silêncio, que Jurebeba quebrou:

— Bravos! Isso é que é falar! E a gente vendo lá o prego não tem dúvida que seu Valente foi. Mas seu Valente vai?

[61] Valente como que despertou de um sono:

— Vou, e já. Ó, Jurebeba, deixe ver uma talagada da branca para animar a alma.

Sorveu de um trago a aguardente, casou os cinco mil réis, recebeu o martelo e o prego, acendeu um cigarro e partiu.

Era uma noite esplêndida, enluarada e pontilhada de estrelas; cessara o vento do sul, e uma calma verdadeiramente elísia cobria a terra; na rua, não havia vivalma. Quando Valente chegou à praça da Sé, batia uma hora no relógio da Intendência. Defronte dos seus olhos, a igreja se erguia, solene e branca, apontando o céu constelado com as suas duas torres iguais. Para o lado esquerdo, eram residências de família, um ângulo da tesouraria, a rua da Praia arborizada e em rampa, onde fazia esquina a grande casa mal-assombrada. Para o lado direito, era a rua curta que vai dar à praça do

Mercado. E dos dois lados do templo, em dois claros laterais abertos pelo luar, percebiam-se os longes do Oiteiro, a volta da estrada para o palácio do Bispo, o pardieiro da cocheira do Golignac, muros com bananeiras debruçadas e dois coqueiros retorcidos, inteiramente cobertos de luar.

Ao passar pelo Cruzeiro erguido no meio do adro, Valente persignou-se. Um silêncio profundo [62] pesava sobre a terra; nem uma folha se agitava, nem um ruído passava. Valente aproximou-se da porta, empurrou-a de leve, ela cedeu, ele estremeceu. E pareceu-lhe que a igreja não estava tão silenciosa como a rua...

Estava inteiramente silenciosa. Valente fechou de novo a porta sobre si, deu os primeiros passos que ressoavam pela nave como uma tempestade longínqua. Lívido e assombrado, riscou um fósforo e o fósforo pegou mal, alumando incertamente poucos metros de diâmetro. Valente estava arrependido da aposta; sempre ouvira dizer que se não fazem apostas com as coisas mortas. “Tolices!”, pensou. “É preciso mostrar que sou um espírito forte!...” Deu mais alguns passos, acendeu outro fósforo; então viu, no meio da nave, sobre dois bancos, um caixão de defunto com fitas douradas. Involuntariamente estremeceu, mas avançou e com o auxílio de novo fósforo conseguiu aproximar-se do esquife. Foi um momento supremo de coragem: colocou o prego, levantou o martelo, e a primeira pancada caindo como que caía sobre o seu coração, e parecia ecoar em toda a igreja, despertar toda a cidade!... Ah! que alívio! Estava ganha a aposta. Por alma do morto o “espírito forte” pensou uma oração, e ia retroceder quando se sentiu seguro. Houve no silêncio e na treva uma luta curta e sinistra: o Valente procurava fugir e cada vez se sentia [63] mais preso. Então invadiu-o a certeza de que era o morto que o agarrava, que se vingava do seu

atreuimento, da sua profanação... Fez um último esforço, um desesperado esforço, e sentiu que o esquife saltava dos bancos e caía com ele no chão...

Quando de manhã muito cedo, antes da missa, o Xavier foi verificar a aposta, encontrou o caixão derrubado e o Valente morto, com a aba do casaco pregada a uma das tábuas de veludo negro...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

